

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

ANTONIO PIETRANGELI

4 e 10 de Abril de 2025

FANTASMI A ROMA /1961

(Fantasmas em Roma)

Um filme de Antonio Pietrangeli

Realização: Antonio Pietrangeli / **Argumento:** Ennio Flaiano, Antonio Pietrangeli, Sergio Amidei, Ettore Scola e Ruggero Maccari / **Direção de Fotografia:** Giuseppe Rotunno / **Música:** Nino Rota / **Direção Artística:** Mario Chiari e Enzo Del Prato / **Guarda-Roupa:** Maria de Matteis / **Montagem:** Eraldo Da Roma / **Interpretação:** Marcello Mastroianni (Reginaldo/Federico), Vittorio Gassman (Caparra), Sandra Milo (Flora), Belinda Lee (Eileen), Eduardo de Filippo (conde De Roviano), Tino Buazzelli (fra Bartolomeo), Claudio Gora (o engenheiro), Franca Marzi (Nella), Ida Galli (Carla), Lilla Brignone (a rainha), Michele Riccardini (Antonio), etc.

Produção: Lux Film Vides Galatea / **Produtor:** Franco Cristaldi / Cópia digital (DCP), colorida, falada em italiano com legendagem electrónica em português / Duração: 100 minutos / Estreia em Portugal: Condes e Roma, a 22 de Fevereiro de 1963.

É um dado curioso que, no país que nos anos quarenta viu nascer o neo-realismo cinematográfico, se tenha registado com o final da década de cinquenta um movimento praticamente inverso. Com o onirismo felliniano como locomotiva, a que depressa se virá juntar a sulfurosa poesia de Pasolini, a Itália começa a abrir as suas portas a diversas formas de irrisão do real, em tudo e por tudo nos antípodas daquilo que ficou, para o bem e para o mal, como a imagem dominante do cinema italiano do pós-guerra. É um pouco nesta linha que se pode enquadrar este surpreendente filme de Antonio Pietrangeli: uma história de fantasmas, como o título deixa adivinhar, forma de cindir o mundo em dois e de dizer que olhar para o "real" ignorando o "irreal" é ficar apenas pela metade... Pietrangeli é um realizador que a história não registou no capítulo dos "mais importantes", que atravessou o cinema como uma espécie de diletante era médico de profissão - e morreu prematuramente em 1968. Realizou poucos filmes, mas depois de se ver **Fantasmí a Roma** fica-se com vontade de lhe conhecer o resto da obra.

Os primeiros planos do filme são logo outras tantas surpresas. Quase dá para jurar que Wim Wenders "vampirizou" **Fantasmí a Roma** para conceber as suas **Asas do Desejo** - será coincidência a semelhança do título alemão, **Himmel Uber Berlin**? É que os fantasmas de Pietrangeli são extraordinariamente parecidos com os anjos de Wenders: também não podem ser vistos pelos mortais comuns e de igual modo se divertem a observá-los e a escutar-lhes as conversas. As semelhanças param aqui: a soturna melancolia de Wenders é aqui substituída por outra muito mais leve, e se o seu filme era sobre o tempo que não passa a persistência do Muro, a persistência dos traumas alemães - o de Pietrangeli é sobre o tempo que passa a velha Roma a dar o lugar a uma nova, feita por arrivistas sem escrúpulos.

A primeira parte do filme serve para Pietrangeli nos introduzir às suas peculiaridades, para conhecermos as personagens e deixarmos de estranhar o facto de sermos guiados por fantasmas. Pietrangeli cria habilmente uma belíssima atmosfera, com fabulosas contribuições da fotografia de Rotunno: há planos e mesmo cenas inteiras cujo sentido nasce por completo dos efeitos de iluminação maneira de separar o mundo "real" da penumbra onde se movem os fantasmas. O cenário é uma velha casa habitado pelo conde de Roviano (fabuloso Eduardo de Filippo) e pelos seus anjos da guarda (não menos fabulosos Mastroianni, Sandra Milo, Tino Buazzelli, entre outros). Um dia o conde morre, numa belíssima cena, com Mastroianni a tocar cravo e repare-se como a música se torna mais nítida no momento da morte do conde e todos os outros fantasmas a acompanhá-lo. É a partir dessa viragem que **Fantasmí a Roma** revela o seu alcance: a casa passa a ser habitada pelo herdeiro do conde, um sobrinho arrivista o segundo papel de Mastroianni no filme que tem a ideia de a vender para aí construir um edifício moderno "com garagem". Os fantasmas não estão pelos ajustes e tudo farão para o contrariar. Na figura de Federico, o sobrinho, Pietrangeli desenha o retrato do arrivista típico, crente fervoroso no poder do dinheiro e espécie de erva daninha na sociedade italiana. É fabulosa a maneira como Pietrangeli mostra a corrupção "in action", com as notas escondidas na "maquette" da garagem que Federico quer fazer aprovar se bem que camuflada, vamos percebendo que **Fantasmí a Roma** tem uma dimensão política bastante forte. E a "conversão" final de Federico apenas vem acentuar um lado de "falso optimismo": como algum Capra, a solução nasce de factores extremos - o que há de mais extremo do que a intervenção de um fantasma? - e é, por isso, de um ponto de vista estritamente "racional", altamente improvável.

Filme que olha para os "novos tempos" com uma amargura que nunca chega a ser "reaccionária", esta comédia melancólica é, por tudo isto, uma das melhores surpresas deste ciclo. E nem por ser melancólica deixa de ter coisas verdadeiramente delirantes: que dizer do fantasma de Vittorio Gassman, Caparra, um pintor farto de ver os seus quadros atribuídos pelos peritos a "esse impostor do Caravaggio"?

Luís Miguel Oliveira

(Texto escrito em 1997, acompanhando a passagem do filme num ciclo dedicado a Marcello Mastroianni, e mantido largamente intocado)